

Gustavo Silveira Ribeiro*

Universidade Federal de Minas Gerais

Carlito Azevedo, (2025), *Vida: Efeito – V*, Tinta-da-China, 128 páginas, ISBN: 9789896719401.

Vida: Efeito-V, de Carlito Azevedo, lançado no Brasil último trimestre de 2024 e, em Portugal em 2025, talvez seja o livro em que a pulsação contínua dos anos de confinamento e mortes da pandemia (só no Brasil foram mais de 700.000 pessoas) seja mais visível. Nas suas páginas, a peste não passou de todo. Segue ativa, operando como agente de desestabilização da vida presente.

Nos poemas fundamentais do livro, as energias desprendidas no início da década com a deflagração, em escala mundial, da emergência sanitária permanecem em circulação, dispersas no ar feito nuvens tóxicas, nuvens de micropartículas que, mesmo invisíveis, podem ter efeito devastador. Ainda que o título do conjunto tenha a palavra vida no seu centro, e em muitos dos poemas ocorra uma espécie de celebração profana, alegre e selvagem da vida – da vida autêntica, sobretudo, uma vez que são frequentes as memórias da infância, dos encontros amorosos e da cumplicidade dos amigos – esse é um livro marcado a fogo pela morte.

A solidão prolongada, o recolhimento forçado ao espaço doméstico e o rol de perdas, públicas e privadas, traços muito salientes do cotidiano sob a contaminação do novo coronavírus, formam parte do tecido de *Vida: Efeito-V*. Do outro lado, como contraparte assimétrica, está uma abertura para o que, no tempo, são instantes de intensidade. A cadeia de imagens que costura o livro – marcada pela presença insistente do céu, da água e do sol – marca em vários momentos um contraponto à presença extensiva da morte: “fantasmas de tristeza desaparecendo acima dos fios de ouro”. O contato com o outro, com o que é vida no outro – a parceira amorosa, o mundo natural, a própria luz (“os fios de ouro”) interpõem-se à negatividade total.

Do modo semelhante, uma certa zona de indeterminação fantasmática se abre no real coalhado de perdas sempre que, em perspectiva onírica ou imaginária, o poeta se vê sob o domínio dos “envoltórios da Terra” (37), isto é, próximo daquelas experiências indecifráveis, quase mágicas que ele chamará, no livro, de “efeito céu” (34) ou “efeito rio” (39). A alteridade radical dos animais é outra rachadura através da qual o poeta vê, com olhos novos, a si e ao amor. Mesmo que uma vaca esteja cantando “nalgum lugar distante sua solidão quadridimensional”, conforme a desconcertante imagem formulada pelo poeta, o que ele ouve, de fato, é a voz da mulher amada, o que nela se agita como

força de puro esplendor: “você acorda e todas as coisas facilmente se tornam uma dança trêmula em águas agitadas”.

Apesar da busca renovada por vitalidade e pelas muitas cenas banhadas na “energia anárquica/de todas as luzes do dia/embaralhadas”, belíssimos contrapontos à escuridão dominante dos anos recentes, e que segue pairando no ar, esse é um livro atravessado por um “um cortejo de/fantasmas exaustos” (101) (como também *La Notte*, filme de Antonioni a partir do qual o poeta intui a imagem). Intempestivos – a intempestividade é da natureza dos fantasmas – os seres, lugares e vozes que emergem no livro compõem, juntos, uma história de retornos inquietantes. Os fantasmas em francês chamam-se *les revenants*, os retornados, aqueles que voltam sem descanso a um espaço ao qual já não pertencem de todo.

Vida: Efeito-V é, entre tantas outras coisas, um livro de fantasmas. Sua escrita é uma espécie de espectrografia interessada em reter “o fluxo/o fluir/a flutuação” desses incorpóreos que trafegam entre os seres e se misturam ao reino de tudo o que é vivo, tornando-se inseparáveis – às vezes mesmo indistinguíveis – dele.

Essas “aparições do reino/do luto e da tragédia” estão por toda parte no livro – mesmo na nota “sobre o autor”, um paratexto que se oferece como um poema secreto, espécie de faixa bônus, o poeta recorda, para caracterizar a si mesmo, ambientes que não existem mais (o cine América, a Livraria Brasileira), mas que são parte da paisagem afetiva da sua vida e da sua cidade. Os fantasmas, no seu retorno interminável, perturbam a ordem violenta que organiza e dispõe o real. Inoculam o medo, mas podem portar também esperanças de transformação, conforme assinala com ambiguidade Marx na abertura do *Manifesto do Partido Comunista*: “um espectro ronda a Europa”.

Muitos dos poemas de *Vida: Efeito-V* capturam a névoa de contágio que pairou incerta sobre todas as coisas durante a pandemia e que era difícil de nomear (talvez ainda agora siga sendo). A força do livro está na construção da ambiência – do *stimmung* daquela época e dos anos que se seguiram, período de esfacelamento do mundo anterior ao evento disruptivo da covid-19. A importância que têm no livro os sonhos aponta para isso. Os muitos poemas que se armam como diálogos com os mortos também. Ambos são formas de representar fantasmagorias. Têm a capacidade de dar corpo ao terror daquela época, mas também indicam o desejo de o elaborar.

Os sonhos deslocam e modificam o vivido, convidam à interpretação contínua e não têm, em nenhum momento, sentido único ou acabado. A “linguagem tátil do sonho” é aberta e nela se entrecruzam potencialidades: sonhos são “linhas flutuantes” (21), um dos poemas vem lembrar. São índices do que fica em estado de latência, traços do passado que vêm à tona sem controle. São matéria interior em movimento.

Carlito faz do sonho o espaço privilegiado para as experiências da vida confinada. É ali que se rompem, mais problematicamente, os limites entre o dentro e o fora. A vida interior, naquilo que ela tem de mais particular e indecifrável, abre-se para as perturbações da esfera política. Já os acontecimentos do mundo social, transfigurados

na “noite escura/das palavras”, ganham angulações e desvios insuspeitados, acentos pessoais que tornam íntimo e singular aquilo que pertence à ordem do comum.

Longe das múltiplas instâncias de repressão que atuam sobre a consciência e sobre os indivíduos, os sonhos, em *Vida: Efeito-V*, vão ser ao mesmo tempo a placa sensível capaz de captar o “redemoinho/de terror/interminável” que cresce ao redor, e o “sol interno” sob o qual se agitavam o desejo e a imaginação, bases da procura amorosa e do pensamento poético. As forças da castração convivem, no terreno intervalar do sonho, com o poema, a “pluralidade radical das durações” que governa o corpo e abre, no mundo, novos modos de perceber o tempo.

O livro de Carlito mantém proximidade com *Sonhos no Terceiro Reich*, de Charlotte Beradt. Apesar das diferenças que os separam (o livro de Beradt é um estudo experimental dos sonhos sob o signo da catástrofe nazi, conduzido com rigor científico), em ambos os sonhos são tomados como ficções significativas, criações simbólicas que não reproduzem a realidade, mas estão conectados a ela e oferecem, pela via do estranhamento, acessos a estruturas e sentidos inaparentes. Se para Beradt os sonhos são “diários noturnos” que operam como “sismógrafos”, permitindo perceber o efeito íntimo “dos acontecimentos políticos externos” sobre os indivíduos (os termos são da autora), para Carlito, o poema guarda algo dessa capacidade de registro minucioso, mas diferido, do real. Para o poeta, a escrita poética, como o instante suspenso do sonho, são espaços da indeterminação e do trânsito entre a esfera pública e o plano dos afetos privados.

Essa passagem entre o exterior e o interior se desdobra, no livro, numa série de outras dualidades, e muitas delas relacionam-se com as questões fundamentais de *Vida: Efeito-V*: a solidão, a memória, a psicanálise e o amor. Todos esses elementos comparecem no livro a partir de uma lógica de oposições e movimentos. Flora Sussekind observa, no texto de orelha da edição brasileira, que a distância e os pontos de observação são propostos no livro de modo dual, como uma espécie de método de composição: a proximidade excessiva, o olhar de microscopista para os fenômenos se alterna, ao longo dos poemas, com uma mirada panorâmica, que em alguns momentos permite ao poeta ver a si e ao mundo de muito longe.

A mesma alternância (o mesmo trânsito, diríamos) entre o consciente e o inconsciente está presente no livro. Os sonhos, como os poemas, querem expandir as “fronteiras desesperadas/das abóbadas celestes” (para usar as palavras que Carlito envia a Tamara Kamenszain) e dirigir-se ao outro – a um ouvinte paciente e próximo, a psicanalista, e ao leitor, esse ouvinte cúmplice e longínquo.

Os sonhos não são, nesse sentido, projeções pessoais ou pequenas narrativas narcísicas: são plataformas para a invenção e modos de representar a si como um outro, desfamiliarizando o eu, a linguagem e tudo o que está a sua volta. Pela lente do sonho o poeta quer cumprir a promessa que se insinua no título do livro: o *V-Effekt* proposto por Bertold Brecht, abreviação de *Verfremdungseffekt* (literalmente, “efeito de alienação”), pressupõe que a obra de arte deva causar estranhamento na percepção da realidade,

incitando o distanciamento e a reflexão do público, que não mais se vê narcoticamente imerso na ilusão representativa construída.

Uma outra constante em *Vida: Efeito-V* são os poemas que se endereçam aos mortos. Eles dão sequência às perscrutações oníricas do livro e também aos encontros com os fantasmas. Mas há uma inflexão distinta. Os ausentes a que se dirige o poeta são escritores, familiares, pessoas comuns cujas mortes podem, ou não, ter relação com a pandemia, mas que, diante do pano de fundo geral da catástrofe, têm seus nomes inscritos no rol geral das perdas daqueles anos, o que intensifica o tom elegíaco de boa parte do livro.

Esses poemas são figurações, de alta voltagem emocional, das conversas interrompidas que foram se multiplicando ao longo da devastação provocada pelo vírus – seja pelas mortes, seja pela interrupção e pelo abandono de projetos, anseios, atividades em curso. Poemas de escala ao mesmo tempo íntima e social, esses textos são chamados silenciosos. São diálogos que se transformam em monólogos, nos quais a voz do outro está ausente. O desejo de prolongar o contato, de alinhar um balanço do passado, ou de seguir buscando pelo que está fora de si, no “extramuros” (78) (significante tão decisivo nesse livro), são processos determinantes nos poemas de *Vida: Efeito-V*, cujo caráter dialógico é claro.

O primeiro e o último poemas do livro podem ser lidos, em certa medida, a partir da lógica do endereçamento, assim como o poema-suíte “Kinderszenen”. São todos eles tentativas de conversa com os mortos, formas de evocação e homenagem, mas também de identificação projetiva. O sujeito da escrita se desdobra na direção dos que estão ausentes e retém deles um gesto, uma lembrança, uma citação. Ele inscreve-se no mundo dos mortos, assim como traz para si, para a sua vida, algo do que foi perdido. Realiza-se, assim, um processo de fusão. *Vida: Efeito-V* é um livro em que a perda e o luto têm papel importante (como também ocorria em *Monodrama*, um dos livros anteriores do autor).

Em “Baleia branca”, texto de abertura e um poema feito como sucessão de cenas e fragmentos líricos e narrativos, o poeta dirige-se a Sérgio Sant’Anna, morto nos meses iniciais da contaminação, um dos primeiros artistas a ser colhido pela pandemia no Brasil. Em meio ao registro de todo tipo de sonhos de dissolução e obstáculo — “sonho que postado em frente à casa da minha infância/estou vendendo, na calçada, todos os livros da minha biblioteca” (7) —, o poeta, “a gárgula da mochila de livros”, elabora uma pequena série dedicada ao escritor. Os poemas XI, XII e XIII desse conjunto seguem numa crescente: primeiro o registro da perda, num poema comovente no qual a indiferença da natureza num dia qualquer (“O outono está na sala e o sol é como nenhum outro”) emoldura um autorretrato impessoal e impiedoso do poeta (“Há também algo como um espelho onde um velho se contempla”), que se fecha com a notação simples, inesperada e brutal: “Sérgio Sant’Anna se foi” (25).

A seguir ao arquivamento das palavras do autor (Carlito transcreve uma postagem das redes sociais em que Sant’Anna fala de uma novela que receia não conseguir terminar

de escrever), surge um poema-carta, no qual o poeta retoma um conto de Borges sobre um escritor que redige mentalmente, no instante fatal da sua vida, um poema que tinha ficado incompleto. Trata-se de uma fábula melancólica sobre o tempo e a tarefa da escrita, que avança mesmo sobre a morte, mas é também, e talvez principalmente, uma alegoria da derrota: Carlito a recompõe como a imagem concentrada – espécie de sonho selvagem – de um tempo de desespero e paralisia.

Maria Elisa Azevedo — “toda irmã/mais velha/é um agente duplo/da infância” (52) — cuja lembrança dispara a escrita das “cenas infantis” (*Kinderszenen*), é a interlocutora fundamental do poema-em-quadros que fica na metade do livro, marcando, com seu ritmo e imagens próprios, uma espécie de intervalo. O irmão não nascido, um outro irmão de quem pouco ouviu falar, os demais personagens da meninice suburbana no Rio de Janeiro – toda essa profusão de vozes e presenças familiares que emerge desse poema em sete partes está reunida pelo poeta num “jardim de memórias afundadas”. São fantasmas domésticos que voltam à tona num momento de despedidas, a lembrar que, apesar do tom terno desses sonhos e da evocação das brincadeiras e do torvelinho de luzes que marcou aquele momento da vida, “nada era navio neste mar triste de crianças quebradas” (56).

Figurado como um abismo, o fosso do passado no qual o poeta mergulha nesse passo está repleto de sons e imagens felizes. Nele se pode ouvir, como um sussurro, “o dispositivo perpétuo do acalanto”, essa força de calma e de estabilidade que se contrapõe ao vazio do presente. Há muita doçura nesses poemas feitos de lembranças infantis. Eles funcionam como contrapontos às passagens mais ásperas do livro. Ainda que as *kinderszenen* não deixem esquecer de todo “as alucinações da dor”, o “som ensurdecido do abismo,/iluminado pelo desastre”, a “expectativa de redenção” que inundava a infância e a adolescência irradiam para o resto do livro e prometem, de modo fugaz, a possibilidade de um outro futuro.

“O céu de Rabi”, “poema/longo como/um lagarto” (110), encerra o livro oferecendo, de relance, uma abertura. O vão de uma brecha por onde seria possível escapar do “rodamoinho/no fundo/do caldeirão de/feiticeira/da história” (117). Nesse longo poema espiralado, feito de pequenas partes que se vão ajustando de modo irregular umas às outras (“o que está justaposto,/está relacionado”), Carlito recorda Tamara Kamenszain e dirige a ela uma muito singular carta de despedida. A grande escritora argentina faleceu durante a pandemia, em julho de 2021, num momento em que as cerimônias fúnebres eram praticamente impossíveis. Os ritos de passagem haviam se desmaterializado. Diante desse contexto, para além da distância que separava os dois países, um fosso se abria. Contra ele, o poeta escrevia: “Deixa, Tamara,/que aqui/de ultraviés/neste poema/ longo como/um lagarto/que arrasta o corpo/através dos vastos/impérios da /conversa fiada/eu me aproxime/um pouco/de você” (110).

O poema como uma forma de contato contra todas as formas de contágio mortífero que se espalham. Essa também é uma síntese possível de *Vida: Efeito-V*. Livro-poliedro

de muitas faces e de muitos sentidos, ele tem, no entanto, na dupla tarefa da recordação lutuosa e da abertura de linhas de comunicação (“uma rede de túneis/vias e avenidas/ com suas associações livres/sua montagem de vozes/fraturadas”) pontos de apoio contraditórios que o estruturam. A partir desses pontos, o poeta dispersa a “irradiação especulativa” dos seus versos, que corroem, pela força da beleza e das “mais/ inesperadas/ associações”, o monólito maciço da morte e das certezas absolutas. Se não há modo de desfazer o circuito das perdas, Carlito mostra, com seu livro, que é necessário buscar pontos de sutura. Instâncias em que as palavras não sejam apenas “estrelas mortas”, ilusão de luz, mas que possam ser também outra coisa: ‘súbito sol interno’.

NOTA

- * Gustavo Silveira Ribeiro é professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenador do ESCAPE - *Núcleo de Pesquisa em Poesia Experimental, Performance e Artes do Corpo* (CNPq-UFMG). É um dos editores da *Ouriço* - Revista de poesia e crítica cultural.